



DESENVOLVIMENTO
E MEIO AMBIENTE

BIBLIOTECA
DIGITAL
DE PERIÓDICOS
BDP | UFPR

revistas.ufpr.br

Transbordações nas práticas cotidianas das bordadeiras da cidade de Barra Longa – Minas Gerais após o rompimento da barragem de Fundão

"Transbordações" in the daily practices of embroiderers in the city of Barra Longa – Minas Gerais after the collapse of the Fundão dam

Maira Elisa Cassimiro Martins MORAIS¹*, Cristiane Miryam Drumond de BRITO¹

¹ Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, MG, Brasil.

* E-mail de contato: maira.elisa@hotmail.com

Artigo recebido em 12 de março de 2025, versão final aceita em 13 de maio de 2025, publicado em 6 de novembro de 2025.

RESUMO

O presente artigo propõe discutir os impactos causados às bordadeiras de Barra Longa pelo rompimento da barragem de Fundão, em Mariana – Minas Gerais, ocorrido no ano de 2015. Para tal, optou-se por uma pesquisa qualitativa, implementada por meio da aplicação de entrevistas semiestruturadas, *in loco*, em uma aproximação direta com as bordadeiras. O objetivo foi trazer à tona as consequências nas práticas sociais cotidianas das bordadeiras de Barra Longa, após o rompimento da barragem, bem como a centralidade do bordado e se este saber cultural é capaz de ressignificar locais e memórias. Para estabelecer uma correlação entre o bordado com o referido desastre, buscou-se compreender primeiramente a origem do bordado e o seu percurso até a chegada em Barra Longa, levando em consideração o seu significado, bem como a tradição familiar, a fonte de renda e o seu lugar de autonomia. Foram entrevistadas nove bordadeiras, com faixas etárias diversificadas, num período de dois dias consecutivos. Os resultados das entrevistas foram divididos por categorias, o que permitiu uma análise mais próxima da realidade vivida. Um dos impactos relevantes foi a perda de histórias familiares contadas através dos bordados, que eram passadas de geração em geração. Ademais, o quadro agravou-se diante de perdas também materiais e a negligência das autoridades em não dar voz aos atingidos, apesar da iniciativa do estilista Ronaldo Fraga, que, em forma de arte, colocou os bordados dessas mulheres em evidência na exposição de moda no evento da São Paulo *Fashion Week* (SPFW). Desse modo, apesar de tantas adversidades, conclui-se que o bordado significa, para elas e para toda a região, uma fonte de resgate, de alegria e de renda. Por outro lado, a convivência com as bordadeiras e os dados das entrevistas permitiram constatar impactos ambientais imensuráveis, que o tempo jamais conseguirá remediar.

ABSTRAT

This article aims to discuss the impacts caused to the embroiderers of Barra Longa by the collapse of the Fundão dam in Mariana, Minas Gerais, which occurred in 2015. To this end, we opted for qualitative research, implemented through the application of semi-structured interviews, in loco, in a direct approach with the embroiderers. The objective was to verify if there were changes in the daily social practices of the embroiderers of Barra Longa, after the collapse of the dam, as well as the centrality of embroidery and if this activity is capable of resignifying places and memories. In order to establish a correlation between embroidery and the aforementioned disaster, we first sought to understand its origin and its path until it arrived in Barra Longa, taking into account its meaning, as well as family tradition, source of income and its place of autonomy. Nine embroiderers of diverse age groups were interviewed over a period of two consecutive days. The results of the interviews were divided into categories, which allowed an analysis closer to the reality experienced. One of the most significant impacts was the loss of family stories told through embroidery, which were passed down from generation to generation. Furthermore, the situation was made worse by material losses and the negligence of the authorities in not giving a voice to those affected, despite the initiative of fashion designer Ronaldo Fraga, who, in the form of art, put the women's embroidery on display at the fashion exhibition at the São Paulo Fashion Week event. Thus, despite so many adversities, it can be concluded that embroidery represents, for them and for the entire region, a source of rescue, joy and income. On the other hand, the coexistence with the embroiderers and the data from the interviews allowed us to verify immeasurable environmental impacts, which time will never be able to remedy.

Keywords: embroidery; tragedy; environmental impact; dam failure.

1. Introdução

O interesse pelas bordadeiras de Barra Longa surgiu a partir de uma reportagem produzida e veiculada pela emissora de televisão, Rede Globo – Jornal Hoje, que foi ao ar no dia 23 de abril do ano de 2018. O foco da reportagem era mostrar, a partir da iniciativa e do olhar do artista Ronaldo Fraga¹, as memórias, o traçado e o bordado, por meio de um diálogo estabelecido entre o saber e a moda, e de uma leitura que os relacionava ao rompimento da barragem de Fundão. Segundo o

artista, seu interesse pelo bordado mineiro e o projeto desenvolvido com as bordadeiras partiram de um desejo em aprofundar nesse universo, em que a técnica vai além do mercado, encontra-se no âmago da criação e da originalidade de um bordado bem feito, cuja paixão atravessa gerações e traz à tona memórias seculares.

"Essa história nasceu quando fui convidado para ir até lá conhecer um grupo de bordadeiras. Cheguei, dei o nome ao projeto, que se chama Meninas da Barra Longa² (a gente fala meninas, mas têm bordadeiras de 80 e poucos anos ali). No primeiro encontro, pedi que elas trouxessem bordados que

¹ Estilista graduado pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e pós-graduado pela *Parsons School* (NY) e *Central Saint Martin* (UK). Entrou na moda, ou ofício da moda, pelo desenho, pelo registro gráfico, pela possibilidade da construção de memória gráfica, pelo diálogo da memória gráfica para vestir.

² O grupo, formado em 2017, é constituído por cerca de 30 mulheres de 17 a 80 anos, e desempenha um importante papel na remuneração das famílias, além de colaborar com o fortalecimento da economia local (Fundação Renova, 2019).

caíram em desuso, que elas guardavam de forma preciosa, e uma delas, que é a mestra e está com princípio de Alzheimer, levou uma camisolinha de batismo que todos os primos dela tinham usado. (Fraga, 2018). Em Minas tem muito disso, de uma peça passar de uma pessoa para a outra na família. “Mas a minha era muito mais bonita”, ela disse. E eu perguntei “Cadê a sua?”. “A lama levou”, ela respondeu. “Então, vamos bordar outra para a próxima geração”, eu falei. Acho que é isso o que tem que ser feito agora. Já se falou muito da tragédia pela tragédia. Agora, a gente corre um risco de viver uma tragédia cultural também, além da ambiental. É um saber que está se perdendo por vários motivos. Um deles é que, por serem estigmatizadas pela história, as pessoas estão recebendo suas indenizações e indo embora. Acho que isso merece uma vitrine” (Fraga, 2018).

Ronaldo Fraga (2018) propõe às bordadeiras que explorem, por meio do bordado, uma história que se entrelaça na busca pela identidade, resiliência e superação de barreiras, após o desastre ambiental, caracterizado por ser um evento que afeta negativamente uma sociedade ou ecossistema em algum nível, provocado por ação humana. O artista, por meio do projeto “Meninas da Barra – As Mudanças”, desafia as bordadeiras no sentido de confeccionarem peças exclusivas, utilizando técnicas denominadas *Richiliê*³ e Ponto livre⁴, no intuito de ilustrar a flora existente naquela região, antes da destruição provocada pelo rompimento da barragem.

No Brasil e no mundo, convivemos, de tempos em tempos, com desastres ambientais, muitas vezes considerados crimes ambientais responsáveis por diversas modificações no modo de vida de muitas comunidades e por crises instituídas como consequência desse tipo de tragédia, inclusive abalando, de forma definitiva, as bases que sustentam o seu bem-estar. Dentre os diversos contextos instaurados por desastres ambientais, estão a interrupção no cotidiano dessas comunidades e das sociedades, o que envolve tanto perdas materiais e econômicas, como afeta a cultura local e a saúde global (Freitas *et al.*, 2019).

Os desastres ambientais mais devastadores são os provocados pelo extrativismo mineral, devido a suas especificidades. Apesar de sua relevância para o desenvolvimento socioeconômico das sociedades humanas, a mineração é considerada uma ameaça ao meio ambiente. Nos últimos anos, no estado de Minas Gerais, ocorreram importantes rompimentos de barragens de mineradoras, como o da Mineração Rio Verde, em Nova Lima (2001); a Mineração Rio Pomba, em Cataguases/Mirai (2007); a Mineração Herculano, em Itabirito (2014); a Barragem de Fundão, em Mariana (2015) e a Barragem de Mina Córrego do Feijão, em Brumadinho (2019), com registros de impactos ambientais negativos imensuráveis, evidenciando as inconsistências nas fiscalizações (Pinheiro *et al.*, 2019, p. 12).

Eventos dessa magnitude não podem ser considerados fatalidades, mas se configuram como

³ Tipo de bordado com características bem tradicionais. O nome adveio do Cardeal *Richelieu*, que fazia parte da corte do Rei Luís XIII da França. É sabido que, naquela época, o referido religioso chegou a criar oficinas para o preparo desse tipo de trabalho manual destinado à monarquia.

⁴ Existe uma diversidade de técnicas de pontos de bordados para decorar os mais diversos tipos de tecido. Na técnica de ponto livre, não existe uma regra rígida, o que mais importa é a criatividade. Basta passar os desenhos ou escritas escolhidas para o tecido, geralmente através do papel carbono, e começar a bordar.

tragédias anunciadas ou até mesmo crimes. Ao construírem grandes barragens com sucessivos alteamentos, as empresas mineradoras assumem riscos cada vez maiores, fazendo com que as comunidades locais se sujeitem a elas, mesmo com a possibilidade de comprometer a preservação do meio ambiente e a manutenção da dignidade, do bem viver, do bem-estar e do prazer dos moradores.

Em Minas Gerais, como dito anteriormente, ocorreu no ano de 2015 o rompimento da barragem Fundão, que inundou as cidades de Mariana, Bento Rodrigues, Barra Longa, dentre outras. Esse artigo visa elucidar as consequências dessa tragédia para as bordadeiras da cidade de Barra Longa, localizada no interior do estado de Minas Gerais e também apresentar a comunidade e a cultura dessas bordadeiras.

Barra Longa é conhecida por sua hospitalidade de tipicamente mineira; sua culinária, incluindo a produção artesanal de cachaça, queijos; suas manifestações culturais, como folia de reis, cavalgadas; sua beleza cênica, promovida por cachoeiras, e suas tradicionais festas, que atraem muitos turistas. Dentre seus principais atrativos, está a atividade de bordado, que ocupa a segunda posição em geração de emprego e renda, de modo que Barra Longa é considerada a capital brasileira da Renda.

A prática do bordado como fonte de renda é essencialmente realizada por mulheres, as quais em sua grande maioria foi preterido o direito de acesso à educação, restando-lhes trabalhar para sobreviver, cuidar de filhos e dos afazeres domésticos. As mulheres bordadeiras de Barra Longa, carregam em seu cotidiano, marcas que dão significado às suas vidas, através da arte de bordar. O bordado as desafia no sentido de trazer uma nova forma do fazer, sem a hegemonia do saber preestabelecido. Apresenta-se

como herança, perpetuando gerações, muitas vezes, marcadas por lembranças valiosas. Os bordados dão vida a essas vidas e podem, sim, ser utilizados como expressão de uma existência (Chagas, 2006).

A partir dessa perspectiva, pretende-se analisar o saber cultural do bordado como fonte de identidade coletiva e suas principais modificações após o rompimento da barragem de Fundão. Assim, surge como provocação, uma vez que a manutenção desses saberes culturais exclusivos de determinadas comunidades, no caso as bordadeiras de Barra Longa, pode trazer à luz nuances importantes desse novo contexto, inclusive quanto à preservação de memórias histórico familiares. As bordadeiras de Barra Longa podem nos apontar aspectos tensionados entre o bem viver, suas vivências culturais e o desenvolvimento econômico, principalmente diante da destruição da natureza com o rompimento da barragem e da ideia de desenvolvimento que toma a natureza como recurso a ser explorado e não como sujeito de direito proposto pelo bem viver.

2. Metodologia e cuidados éticos

O estudo utiliza a metodologia qualitativa, exploratória e interpretativa para ir ao encontro da realidade de vida das bordadeiras de Barra Longa. A presente proposta configura-se como uma pesquisa de natureza prática, que utiliza a teoria apenas no sentido de embasar a problematização, interessada na produção de conhecimento sobre o bordado e resiliência.

Após a submissão e aprovação deste projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFMG, CAAE – 36256620.6.0000.5149, e antes da realização das entrevistas, a pesquisadora

informou às entrevistadas os principais objetivos do estudo e a maneira como seriam conduzidas as entrevistas, as quais somente foram realizadas após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que garante o sigilo e a possibilidade da participante em retirar-se do estudo a qualquer momento, se assim o desejar, bem como obter acesso às informações sobre seus resultados. Os nomes das entrevistadas serão mencionados nesta pesquisa por meio de siglas, visando proteger suas identidades.

3. Coleta de dados e método de análise

Para coleta de dados, foi utilizada a técnica de bola de neve comum em pesquisas sociais, pois permite alcançar populações de difícil acesso. É uma técnica que utiliza cadeias de referência, uma espécie de rede. Sua construção inicia com informantes-chave nomeados como semente, a fim de localizar algumas pessoas com o perfil necessário para a pesquisa. Essa primeira semente indica outra e assim sucessivamente. Portanto, as sementes auxiliam o pesquisador a encontrar o grupo a ser pesquisado.

Nossa pesquisa contactou uma bordadeira de Barra Longa que é membro da Associação Barralonguense de Bordadeiras e Artesãos (ABBA), sendo ela a primeira semente. O público-alvo deste projeto só foi atingido devido a colaboração e a disponibilidade desta bordadeira. A ABBA teve sua fundação em maio de 2003, por um grupo de 12 bordadeiras e artesãs, incentivadas pelas bordadeiras antigas.

Das nove bordadeiras entrevistadas, 5 (55,5%) delas possuem ensino médio completo, 2 (22,2%) possuem ensino fundamental completo, 1 (11,1%)

possui ensino fundamental incompleto, 1 (11,1%) possui ensino médio incompleto, mas todas realizam com maestria seus trabalhos artísticos de bordados, evidenciando a importância de produzirem seus saberes e seus conhecimentos específicos nessa arte, ou seja, a baixa escolaridade não representa um fator limitante das suas habilidades. Para Sousa (2019, p. 36), “bordar é expressar afeto por agulhas e, apesar da escrita acadêmica tentar se aproximar cada vez mais das singularidades humanas, é necessário compartilhar este estudo com histórias e vivências pessoais”.

A análise das entrevistas permitiu identificar várias categorias temáticas, porém nesse artigo abordaremos: Bordados: um sentido para a vida, Dia D: rompimento da barragem de Fundão – Linha do tempo.

Na busca de obter maior fidelidade das informações coletadas em campo, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com roteiro previamente construído. As entrevistas foram gravadas por meio do aparelho gravador de voz digital Sony Icd-px470 4gb Mp3. Os encontros tiveram duração entre 30 minutos e até 2 horas, dependendo da disponibilidade de tempo e respeitando os assuntos demandados pelas bordadeiras. O número de amostragem foi definido a partir do comparecimento delas na data e horários agendados. As gravações foram transcritas na íntegra, o que permitiu capturar e analisar todos os detalhes do pensar de cada ator envolvido nesta etapa da pesquisa. Foram analisados o bordado e as consequências provocadas pelo derramamento de lama na cidade.

No tratamento dos dados, foi utilizada a análise de conteúdo temática, descobrindo os núcleos de sentido como uma unidade de significação no conjunto da comunicação. O processo analítico

teve as seguintes etapas: pré-análise por meio de leitura flutuante; fase de exploração do material, na qual se identificou os núcleos de sentido, estabelecendo categorias temáticas; análise dos resultados e interpretação das categorias à luz da literatura (Minayo, 1994).

3.1. Bordados: um sentido para a vida

As entrevistadas alegam que o bordado é uma prática feminina na cidade e que desconhecem qualquer pessoa do sexo masculino que pratica essa arte. As escolhas vivenciadas por homens e mulheres sobre o que e como fazer algo, como atividades envolvendo a arte, no caso em questão o bordado, estão ligadas às construções culturais de poder e isso não é um privilégio apenas desse tempo e espaço, estão em todas as esferas da vida.

O saber do bordado foi passado de geração em geração, como forma de manter viva a tradição local e das bordadeiras manterem-se conectadas com o conhecimento e as histórias de suas mães e avós. A maioria delas aprendeu a bordar com a mãe e falam disso com muito significado. São lembranças resgatadas através de agulhas e linhas, num saber múltiplo e diverso, que permite reproduzir cenas cotidianas, como forma de expressão e interação entre quem borda, o grupo e o local onde se está inserido, até mesmo como uma maneira de reorganizar espaços e novos estilos de desenhos.

Em seu livro intitulado “A invenção do cotidiano: morar e cozinhar”, Michel de Certeau (1996), ao falar sobre hábitos alimentares, menciona os cotidianos invisíveis, silenciosos e repetitivos de tarefas realizadas, que têm sua origem em hábitos herdados e costumes repetidos, ou seja, fazer assim

porque sempre se fez assim. É possível traçar um paralelo desse cotidiano com as práticas de bordados, apesar de compreender, muitas vezes, técnicas e práticas comuns herdadas, o bordado pode ser objeto de ressignificação, cuja expressão manual revela a vida de pessoas e fatos ocorridos. Mirella Souza Costa, de 17 anos, relata que “pegou gosto pelo bordado vendo a rotina da mãe e da avó”, e também “não teve problema em conciliar estudos e costura”. “Me programei para ter aula particular de manhã, ir à escola à tarde e bordar à noite. Acredito que o bordado precisa ser mais valorizado. Para mim, ele é cultura, lazer e terapia”. Atividades de lazer, consideradas como espaços de desenvolvimento pessoal e social, contribuem no sentido de oportunizar transformações nas relações sociais, configurando-se como espaço de construção, vivência e resgate da cidadania das pessoas (Sampaio *et al.*, 2011).

As historicidades das bordadeiras, seus estilos e formas de bordar, visam compreender as trajetórias de vidas relacionadas ao bordar, inclusive como fonte de lazer, antes e após o rompimento da barragem de Fundão. Os impactos causados pelo rompimento da barragem, assim como as interferências nos estilos de bordar, nortearam esta pesquisa, no sentido de conhecer um pouco da vida dessas mulheres bordadeiras.

Todas as bordadeiras entrevistadas, vivenciaram o rompimento da barragem de forma intensa e única, contribuindo, dessa mesma forma, com relatos impactantes, dolorosos e marcantes. Trata-se de histórias contadas sob a ótica dessas mulheres, referentes ao que se passou antes, durante e depois da tragédia.

Os costumes das bordadeiras de Barra Longa, de bordar nas portas das casas, na praça, ou seja, em

locais públicos, foram abandonados após o rompimento da barragem. A troca de conversas informais entre vizinhos e amigos e o lazer, de maneira geral, foram comprometidos.

Ah e antes de vir a lama também, eram costumes das mulheres de Barra Longa, eu mesma já fiz muito isso, de costurar na praça, sabe, nas rodas de conversa, nas portas, botar sua cadeira e tudo, fazer o crochê, o bordado à mão, sabe, o crivo mesmo, então a gente juntava muito pra fazer esses bordados. Depois da lama, isso se perdeu na história, sabe, da nossa história. Muito raro você vê alguém costurando na praça, nas ruas, porque as nossas praças foram todas tomadas pela lama, nós não temos uma árvore que dá sombra na praça. Não tem como você ficar na praça e nas portas, isso também se perdeu (MAL).

O saber artístico do bordado, foi capaz de revelar mulheres que utilizam essa arte para dar sentido e significado às suas vidas. O bordado revela seu poder de ressignificação após o desastre de Fundão, conferindo prazer aos momentos de angústia e dor vividos por elas.

A história do bordado de Barra Longa se confirma a partir dos relatos de AMP e MAL, que dão conta da sua origem e contribuem para a compreensão da qualidade desses bordados.

O bordado chegou em Barra Longa desde quando o bandeirante chegou aqui. Quer dizer, antes de ser fundada a cidade. E quando chegaram aqui desbravando, já veio gente bordando. E agora, há pouco tempo, foi descoberto porque que o nosso bordado é tão perfeito. Porque veio com uma família de Portugal, lá da Ilha da

Madeira. Diz que a origem do nosso bordado é de lá da Ilha da Madeira. Bom, eu não sei como o bordado é feito lá, mas já ouvi dizer que é muito perfeito. Que lá é a terra do bordado e foi uma família de lá que trouxe o bordado pra cá. Não faço a mínima ideia qual o nome da família. É uma pesquisadora que descobriu isso. Xeretou até descobrir. Quem fundou a cidade foi um tal de Mathias Barbosa⁵. Ele é o primeiro que chegou aqui, né? Acho que é isso mesmo, acho que é Matias Barbosa mesmo o nome dele. Só que essa família já veio com ele. Mas não era família importante não. Só gostava de bordar. Eu não sei exatamente como era, mas foi o comentário que eu ouvi. Só esse, porque não fui eu que pesquisei, né? Amanhã a MAL fala melhor com vocês sobre isso, tá? (AMP).

Bom, o ano eu não sei não, mas algumas coisas eu sei falar. Quando eu comecei mesmo a me profissionalizar a respeito do bordado, dessa tradição em Barra Longa, eu me envolvi muito assim e procurei me informar. O que acontece: Barra Longa, desde quando os portugueses vieram para o Brasil, ela também foi colonizada pelos portugueses. Nós temos duas professoras de linguística aqui de Barra Longa, que são professoras da UFMG. Elas relataram, na pesquisa delas, que Barra Longa, foi colonizada pela região da Ilha da Madeira, os portugueses da Ilha da Madeira de Portugal. Então, por isso, esse bordado tão aguçado né, esse bordado que todo o mundo tem uma peça bordada em casa e tudo, né? Eu venho de uma família tradicional, eu tinha uma avó que fazia crivo antigo, um crivo muito característico da região aqui, e o matiz que também foi e tudo, então, eu acredito que seja isso, né? E aqui, nós tínhamos velhos salões de bordados, que era da Budi, eu não sei o nome dela, sei que era Budi. Era com o Richiliê, o bordado a máquina, naquelas máquinas antigas de pedal ainda. E o salão de Dona Lalá, que era o salão que era bordado matiz, os pontinhos, e tem também

⁵ Por volta de 1711 Matias da Silva Barbosa chegou a localidade a pedido do governador da época para combater os índios Botocudos e Acaiabas recebendo em troca vasta extensão de terras, onde se construiu então a Fazenda dos Fidalgos, formando-se um pequeno arraial com o nome de Matias Barbosa. A origem do atual nome da cidade deve-se à confluência dos rios Carmo e Gualaxo do Norte (Prefeitura Municipal de Barra Longa, 2021).

o bordado crivo, que foi das minhas parentes, que é o crivo do norte e esse crivo antigo que era de Zica e Marica. Essas coisas que eu sei, assim. Essa Dona Lalá, ela tinha um defeito na perna, mancava, e ela era professora, e quando ela se viu assim, ela não dava conta de trabalhar, ela começou a bordar, bordar enxovais. Vinham pessoas de muitos lugares trazendo o enxoval da família inteira, das moças que iam casar, pra ela fazer. E hoje nós continuamos a tradição desse bordado e isso estende a todo território. Nas comunidades rurais, nós temos muitas bordadeiras. Tem o crochê, que é muito bem feito aqui em Barra Longa, e aqui também tinha uma família que fazia essa franja, hoje eles chamam de macramê, antigamente eles falavam franja de brólia ou de abrolhos, não sei, eles falavam brólia aqui em Barra Longa. Tinha uma família que fazia este trabalho de brólia aqui em Barra Longa, que hoje eles chamam de macramê (MAL).

A história das bordadeiras de Barra Longa se configura no universo cultural feminino, ou seja, o bordado naturalizado como parte da vida da mulher. Nesse sentido, Malta (2015) contribui com dados sobre a existência dessa cultura, inclusive em colégios femininos.

O aprendizado em casa e nos colégios femininos reforçava a ideia de naturalização da costura na vida da mulher oitocentista, quase como algo atávico ao feminino. Toda juvenzinha recebia seu pedaço de pano, aprendia seus primeiros pontos, com a mãe ou uma instrutora, e armazenava os motivos preferidos em uma espécie de mostuário e prova de percurso. Muitos desses panos se transformavam em quadros e adornavam os quartos de costura e de dormir ou foram guardados como lembrança, como um emblema dos pendores da mocidade (Malta, 2015).

No processo de aprendizagem, a professora oferecia o modelo e as cores e a principiante se esforçava em ver e aprender a fazer, procurando

alcançar a perfeição da mestra. Tanto o lado direito quanto o avesso do bordado deveriam receber o mesmo tratamento em termos de capricho.

Eu... sempre bordava alguma coisinha, não tinha muito o que bordar não, porque a gente não tinha muito recurso... aliás não tinha recurso nenhum. Depois, com dez anos, eu fui pro colégio. Lá no colégio, num orfanato... porque eu queria estudar e não tinha escola lá na roça, eu tinha uma prima que estudava lá nesse colégio e arrumou uma vaga pra mim. Eu era bem pequeninha, lá as meninas tinham um horário de trabalhos manuais. Mas eu era tão “impirriada”, tão pequena que ninguém me dava confiança. Não adiantava, ninguém tinha confiança de por linha e agulha na minha mão lá. Ai o que que eu fazia? Arrumava uma agulha, às vezes aparecia uma “aduladeira”, me dava uma agulhinha, eu catava as linhas que elas jogavam no chão, dos bordados, pegava os paninhos, roupinha de boneca e bordava. Era o recurso que eu tinha, não tinha dinheiro, não podia comprar material pra bordar nada, então, meu recurso era esse, né? Bordava. Minhas bonequinhas tinham enxovalzinho todo bordado. Tudo com pedacinho de linha, e foi assim que eu fui... (AMP).

O colégio interno foi o recurso possível para a AMP querer alçar voos maiores do que sua realidade lhe permitia, uma realidade sem recurso. A educação em colégios internos seguia o modelo de educação para moças, com aulas de trabalhos manuais, preparando as mulheres para o lar, com o objetivo de produzir jovens prendadas (Chagas, 2007). À AMP, até isso lhe foi negado e ela teve que lutar, aprendendo com linhas que recolhia no chão ou que eram doadas pelas “aduladeiras”.

Os primeiros passos para aprender a bordar perpassam um senso de aprendizado comunitário, preservando a tradicionalidade familiar e local, e merecem ser tomados como um lugar de liberdade.

Quando se estuda grupos sociais, como é o caso das bordadeiras de Barra Longa, por vezes, pode-se encontrar práticas culturais como as descritas por Canedo (2009), quer dizer, práticas que cuidam de algo, porém, esse algo pode ser estendido ao cuidado com a família, por exemplo, bordar peças que são passadas de geração em geração, como memórias afetivas.

Nos bordados, as mulheres, normalmente subservientes às vontades e aos mandos de seus cônjuges, utilizavam as rodas de costura ou até mesmo o trabalho solitário como forma de controle, de poder e de autonomia sobre suas criações, uma vez que a sociedade brasileira, fortemente patriarcal, não creditava a elas nem a decoração doméstica, teoricamente tida como da competência do mundo feminino (Malta, 2015). O bordado reforça a coletividade entre mulheres, quando se reúnem para realizar essa prática. Tecem juntas, longe dos homens, compartilham histórias e naqueles momentos assumem a autonomia da criação, apesar do confinamento no espaço doméstico (Sousa, 2019).

O bordado, como uma prática feminina, circunscrito no espaço doméstico, revela também algo invisível, mas poderoso, um espaço de liberdade para criação e, quando coletivo, um espaço de troca de saberes entre mulheres, uma ensinando a outra. A AMP, por exemplo, na luta por bordar, não aceitou o lugar desacreditado que o colégio interno lhe

ofereceu, foi buscando, em pedacinhos de panos e linhas, a elaboração de suas próprias criações.

Olha... desde quase bebê, por que o bordado... a gente já nasce vendo o bordado. Eu aprendi os primeiros pontinhos de bordado, era muito pequenininha. Eu lembro que minha mãe foi ensinar pra uma menina, uma pré-adolescente, ou uma menina que era bem maiorzinha que eu. E eu, na hora que vi a minha mãe ensinando pra menina, eu abri a boca pra chorar, chorei até ela me dar uma agulha, linha e uma pedaço de pano, que eu queria bordar. Aí, foi assim que eu comecei. Aprendi os primeiros pontinhos do bordado, imagina a maravilha que ficou, né? Não dá nem pra imaginar... Mas foi assim... (AMP).

Ah... não sei, tem muitos anos. Minha mãe bordava, então eu aprendi bordar com a minha mãe. Eu devia ter uns nove pra dez anos, minha mãe já começou a me ensinar. Aí minhas irmãs também bordam até hoje, uma até já faleceu. Mas eu tenho mais duas irmãs que bordam também muito (RBFF).

Comecei com minha mãe né, minha avó bordava, minha tia, minha avó fiava aqueles fuso⁶ né, que eles falam, né? Então, fazia o pano, tecido e naquele tecido bordava o crivo⁷, fazia toalha, fazia tudo. E foi passando de bisavó pra vó, de vó pra mãe, e mãe me ensinou também. Aí eu ia aprendendo fazer bainha⁸, fazer matiz⁹, fazer tudo (MCP).

Eu nasci em Ponte Nova, mas sempre morei em Barra Longa. Então, via a minha mãe fazendo bordado e aprendi com ela. Ah... eu tava assim com uns dez

⁶ Ferramenta de madeira entalhada à mão para brindes com fuso superior espiral fio giratório.

⁷ O ponto crivo, também conhecido como bordado labirinto ou somente labirinto, é um tipo de bordado tradicional da região norte do país, feito com tecidos finos, como o linho. O ponto crivo chegou ao Brasil com a colonização portuguesa, no século XVII, e era muito utilizado para bordar enxovais.

⁸ Dar um nó em ponto final de costura, em bordado, tapeçaria etc., para que ele não se solte.

⁹ Colorido resultante da combinação de cores diversas em pinturas, bordados, tecidos etc.

anos. Ela armava a cercadura e eu fechava. Ela fazia, eu bordava fechando. Cercadura é de bordado mesmo. Você borda o ramo e faz a cercadura¹⁰ (LGR).

Imagens e recordações, no tecer da vida, dão formato especial para a memória de cada indivíduo, pois entrelaçam passado e presente e conectam ascendentes e descendentes na construção de si, baseada em conhecimentos adquiridos e objetos que pertencem a esse espaço do saber (Sousa, 2019).

O tecer da vida, para que seja um trabalho bonito, não requer linhas de ouro, bordados com pedras preciosas, diamantes e outras riquezas, aplicadas em tecidos de linho. A AMP parece viver a experiência do fluir na vida, essa maravilha da existência. Experimenta a vida como um dom (Krenak, 2018) e seus bordados retratam as tessituras de suas histórias.

A vida de AMP devolve-nos uma sensação anterior ao mundo moderno, que nos cortou em partes, nos colonizou e trouxe a produção em escalas. A produção da vida dela é integral; o trabalho, a vida afetiva, e tudo o que a compõem, não se separam e nos apontam o bem viver.

O Bem Viver, enquanto uma nova forma de organização da sociedade, implica na expansão das potencialidades individuais e coletivas – que devem ser descobertas e fomentadas. Não há que desenvolver a pessoa: é a pessoa que deve desenvolver-se. Para tanto, como condição fundamental, qualquer pessoa tem que possuir as mesmas possibilidades de escolha, ainda que não tenha os mesmos meios. Estes, aliás, não poderão estar concentrados em poucas mãos. A pessoa tem que fortalecer suas capacidades,

para viver em comunidade e em harmonia social, como parte da Natureza (Acosta, 2016, p. 201).

Alberto Acosta (2016) reforça ainda que iniciativas na procura do bem viver tendem a construir outros sentidos históricos que, por consequência, trazem atitudes de níveis de vida mais dignos, muitas vezes distantes de uma satisfação materialista e consumista.

O que está em jogo não é simplesmente uma crescente e permanente produção de bens materiais, mas a satisfação das necessidades dos seres humanos, vivendo em harmonia com a Natureza. O Bem Viver, no entanto, possui uma transcendência maior do que apenas a satisfação de necessidades e o acesso a serviços e bens materiais (Acosta, 2016).

De alguma forma, a organização cotidiana das bordadeiras se conecta com algumas ideias do bem viver. Dentro de suas possibilidades, mesmo que simples e sem muitas oportunidades, buscam construir uma vida com sentido e em harmonia com seu entorno. Assim, cada espaço da cidade e de suas casas têm histórias significativas para narrar, pois mostram a expansão de suas potencialidades e histórias de vida que não foi entrecortada pela cronologia do tempo urbano, com horários diferenciados para cada atividade. As atividades do bordado, do cozinhar, do cuidar, tudo se inter-relaciona. Trabalho, lazer, casa, rua, não são cindidos e não têm limites tão precisos. Assim podemos dizer que, com uma predominância feminina, o bordado ora tem sentido de hereditariedade e de resgate de histórias vividas, ora de trabalho e renda e também de lazer.

¹⁰ Ornamento ou moldura no lugar do contorno de um objeto, de peça de vestuário, material tipográfico etc.

3.2 Dia D: rompimento da barragem de Fundão – Linha do tempo

Quinta-feira, 5 de novembro de 2015, a cidade Barra Longa – MG, com um território de aproximadamente 383.628 km² e uma população estimada em 5.015 habitantes (IBGE, 2020), amanhece rotineiramente e segue seu curso normal interiorano. Enquanto isso... na barragem de Fundão, localizada no subdistrito da vizinha Bento Rodriguez, a 35 Km de Mariana...

Às 14h00 – Primeiro tremor – o funcionário Andrew Oliveira (22 anos) relata que, por volta de meio-dia, sentiu tremores e, ao alertar as autoridades para os fatos, recebeu a informação de que aquilo era comum e que ele podia continuar trabalhando normalmente.

Às 15h00 – Rompimento e vistoria – O engenheiro Lopes, da Samarco, relata que o rompimento ocorreu apenas uma hora após a vistoria. Pergunta-se: que vistoria foi essa que não detectou rachaduras?

Às 15h30 – Restou a sorte – A população, sem consciência da tragédia que sofreria, não recebeu nenhum aviso sonoro. Paula Alves, moradora local, assim que soube do rompimento, pegou sua moto e percorreu o vilarejo avisando sobre a lama (Carneiro, 2018).

A Barragem de Rejeitos de Fundão se tratava de um depósito de terra construído para reter os sólidos dos efluentes gerados no beneficiamento do minério de ferro, na unidade industrial de Germano, na Samarco. Devido a uma série de fatores, a barragem se rompeu por volta das quatro e meia da tarde do dia 5 de novembro de 2015. Dentre as causas mais próximas, estão as alterações do projeto, as

desconsiderações de irregularidades denunciadas e registradas em auditorias internas e externas, as falhas na construção e na manutenção, além do monitoramento precário do reservatório (Pinheiro *et al.*, 2019, p. 164).

Além dos boatos e das informações que chegavam por meio de ligações telefônicas realizadas pela comunidade local, a notícia de que houve o rompimento da barragem chegou ao conhecimento de MCP, segundo ela, pelo noticiário da Rede TV, por volta de 17 horas.

Estava na minha casa mesmo. Foi cinco horas da tarde que deu na Rede TV. Tava assistindo Rede TV e falou assim: – “A barragem de Mariana estourou”. Deu a notícia. Aí, o pessoal falou: – Mas não vai chegar aqui não, não vai chegar aqui não”! Meu irmão falou assim: – “Lama é muito forte, onde ela bate, ela sai arrastando tudo”. Quando foi de noite, ele falou assim: – “Eu não vou dormir”, eu vou lá pra praça, porque se precisar de ajuda, a gente tá lá pra ajudar”. Ele saiu, eu falei: – “Uai, eu também não vou dormir, né?” Eu durmo na parte de cima e ele dorme na parte de baixo. Desci e fiquei na janela que dá pra rua (MCP).

A partir daí, ocorreu uma sucessão de desastres. Neste contexto, a palavra desastre não se restringe única e exclusivamente ao rompimento, mas engloba uma série de eventos posteriores, eventos que se mostram resistentes ao tempo e ao espaço, com efeitos negativos e devastadores. A ausência de informações foi fator determinante para que se instaurasse o caos.

Foi no dia 5 de novembro de 2015. Eu tenho um sobrinho que mora em Ouro Preto, ele ligou pra mim e falou... era umas quatro e meia da tarde, quase cinco horas, ele ligou pra mim e falou assim: – “Tia, aconteceu uma tragédia”, sabe? Aí eu falei assim: – “O

quê que é isso Gilberto”! Ele explicou o quê que era. Aí eu comecei a falar pro pessoal daqui. O pessoal daqui ligando pra Ouro Preto, ligando pra Mariana, pros amigos, mas ninguém informava direito. Nem a polícia, nem acho que os próprios funcionários, ninguém falava direito que tamanho que era. Eu acho que nem eles mesmo sabiam de ser do jeito que foi. Aí eu não sabia se ia lá pra pracinha, se eu voltava pra aqui, mas tava me preocupando. E todo mundo na cidade meio desorientado, mas não acreditando que ia ser do jeito que foi. Quando chegou aqui no Gesteira¹¹, vocês já viram falar do Gesteira? Quando chegou no Gesteira, eu acho que era umas onze horas, isso eu não vou afirmar muito não, porque eu não tenho muita certeza, mas eu acho que era uma onze horas, meia noite mais ou menos. O pessoal de lá também já tava esperando (RBFF).

Que ninguém acreditava! Isso foi muito rápido, muita gente falando que não vinha. O sobrinho de mãe que mora em Ouro Preto ligou para gente era cinco e pouca, e que tinha soltado um negócio lá e que achava que vinha para cá. Ninguém acreditou porque depois o moço da Defesa Civil correu atrás falando assim: – “Não, não tem nada”. Mas só que nós não dormimos, né? Todo mundo dormindo... nós que ficamos a noite inteira acordado pra sair depressa de dentro de casa. Ninguém acreditava, foi uma coisa que ninguém nunca viu, né? Não podia imaginar (DFFB).

De ocorrência não natural, possivelmente, este e muitos outros desastres envolvendo rompimentos de barragens poderiam ser evitados, caso medidas de prevenção mais rígidas e eficazes fossem tomadas. Percebe-se, também, que a situação foi agravada, no caso de Fundão, pela falta de informações precisas e corretas da Samarco às autoridades competentes da cidade e à população, principalmente no dia do

rompimento, visto que a sirene que existia, e deveria ter tocado para avisar a população, não tocou.

Segundo documento organizado pelo Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), sobre o crime do rompimento da barragem de Fundão, publicado em novembro de 2016, a Samarco fraudou a documentação e ocultou informações, para obter autorização dos órgãos ambientais do estado, objetivando manter o funcionamento da barragem.

Segundo a promotoria, existem provas de que a Samarco promoveu alterações significativas na barragem de Fundão, de forma ilegal, sem qualquer licença ou controle, e que a empresa induziu os órgãos ambientais ao erro, apresentando estudos, laudos e relatórios falsos, por omissões gravíssimas, nos procedimentos de licenciamento e fiscalização. Esses crimes refletem uma conduta reiterada da Samarco, de fraude ao licenciamento ambiental, e de operação ilícita de suas atividades. Aponta ainda, a Polícia Federal, que 28% da lama despejada em Fundão em 2014, foi proveniente da Vale e não possuía licença ambiental (MAB, 2016, p.12).

Seguindo com a linha do tempo, naquele final de tarde do dia 5 de novembro, a população local confiou parcialmente, segundo as bordadeiras, nas informações fornecidas pelas autoridades locais, que afirmavam, por meio de “fontes seguras”, que a lama não chegaria na cidade de Barra Longa. Porém, alguns moradores desceram até a praça para vigiar o rio. De acordo com elas, se as informações fossem precisas, haveria tempo de retirarem seus pertences, diminuindo, assim, as perdas.

¹¹ Localizado a 18 km de Barra Longa (MG), o distrito de Gesteira Velha foi uma das localidades atingidas pelo rompimento da barragem de Fundão, em 5 de novembro de 2015. A comunidade que morava às margens do rio Gualaxo do Norte teve sua rotina e modos de vida abalados. Ao todo, vinte famílias, oito residências, um comércio, onze lotes, uma igreja católica, um campo de futebol e uma escola foram atingidos. (Fundação Renova, 2020).

A gente chegava perto dele (o tenente da polícia civil) e perguntava pra ele, e ele dizia: – “Olha, a orientação que eu tenho é de que a lama não vai chegar aqui, veio de cima (da Samarco), veio de lá”. Então, eu vou acreditar no lá, não vou acreditar no disse me disse (ATLV).

Aí a gente desceu pra praça. E, nesse momento, acabou o prazer, cê sabe, né? Ficou aquela tensão, uma pessoa fala uma coisa, outra pessoa fala outra, então, como ele (o tenente da polícia civil) era a autoridade no momento aqui, comandava a cidade, nós não mudamos, aí ninguém mudou (ATLV).

E a gente vigiando o rio subir e tudo. Aí o pessoal chegou perto orientando a orientação que ele (o tenente) teve, e que passou pra mim, meus meninos e meus vizinhos. Porque todo mundo perguntava pra ele (o tenente). Aí o outro policial que tava na ponte, numa ponte que eu não sei onde que é, que rebentou lá em cima, no encontro dos dois rios, ele (o tenente) foi lá atrás desse outro policial, e foi no nosso carro. Quase que a ponte leva a polícia, porque tava de noite, o cara parece que é meio inexperiente, né... e foi o tempo dele (o tenente) chegar e falar assim: – “Sai daí porque a água vai levar você”. Aí eles saíram com a viatura. Na hora que eles saíram, a ponte já desceu e a água já entrou com tudo! Água e lama. Foi assim.... (ATLV).

Nós estávamos todo mundo na praça. Aí todo mundo que mora ali na praça tentou tirar as coisas. Eu levei da minha casa pra casa de cima, algumas coisas, uns pessoal me ajudou, meu marido chegou também, colocamos pra cima, né... imaginando que era água e que era pouca coisa, que não ia dar no que deu. Colocamos tudo em cima dos móveis para ver o que salvava. Mas assim, com cinco minutos, a água, não, a lama, já tava na minha casa, ali na esquina (ALTV).

Foram experiências impactantes e de extrema tensão, pois as bordadeiras contaram, com riquezas de detalhes e, em alguns momentos, até com lágrimas nos

olhos, o que se passou nas horas seguintes à chegada da lama.

No dia do rompimento foi uma experiência que, na realidade, eu nem gosto de lembrar. Se eu chorar, vocês num.... tá? Foi uma experiência única, que eu não gostaria que ninguém passasse. Nem meu pior inimigo, claro que eu não tenho, mas vai que uma pessoa não gosta de mim. Porque meu marido no dia tava de folga, aí o pessoal comentando que a barragem tinha arrebentado e tal, a gente tava na casa de uma amiga tomando cerveja e fazendo um rodízio de pizza. Aí a gente até brincou: “Não, não vai chegar aqui não, essa lama (ATLV).

Quando certa hora que eu tô te falando, que nós olhamos nos bueiros, pois é, nos bueiros a primeira coisa que a gente olha é a água subindo. Enquanto que não sobe nos bueiros, não tem perigo de entrar na pracinha, mas começou a subir nos bueiros, aí num instante entra na pracinha (Figura 1). Que a gente viu aquilo subindo, todo mundo ficava olhando pro rio, mais aí já tinha saído do leito do rio, da caixa, a lama já tinha saído e todo mundo correndo, foi vindo assim ó.... sabe quando você joga uma água no chão, que a água vai escorrendo. Todo mundo correndo, correndo e a lama atrás da gente. Mais foi rápido, não demorou quinze minutos. A lama não pegou ninguém, cê acredita? Só pegou a Margarida. Ela mora na pracinha. Então, ela já saiu da casa dela com a lama no joelho. A gente ficou gritando ela: – “sai, sai, sai”. E ela acabando de colocar as coisas. Quando eu fui pra abrir o portão, que me falaram que tinha que deixar o portão aberto, que eu atravessasse lá e vim correndo pra abrir o portão, quase chegando no portão, a lama joga o portão no chão, e meu filho me gritando, “mãe”, e eu correndo, correndo, sabe? Não demorou quinze minutos, deu um metro e quinze de lama aqui na minha escada. A sorte é que a casa é alta (RBFF).

As bordadeiras falaram que o barulho provocado pelo mar de lama parecia o fim do mundo ou



FIGURA 1 – Praça Manoel Lino Mol, principal de Barra Longa.

FONTE: Fundação Renova (2021).

um trovão ou uma cachoeira. Na verdade, elas não conseguem descrever ao certo com o quê o barulho se pareceu, mas foi marcante para elas, pois, ao falarem, gesticulavam com os braços, querendo in-

dicar uma coisa grande, basta observar nas pilastras do monumento acima (Figura 2), a altura em que a lama alcançou.



FIGURA 2 – Praça tomada pela lama.

FONTE: Vale (2016). Foto de Leandro Couri.

O barulho parecia uma cachoeira, mas foi uma coisa que a gente não gosta nem de lembrar, menina, e a lama veio aqui no quinto degrau dessa escada minha (RBFF).

Eu tava na casa da minha irmã, né? De uma hora pra outra, foi de madrugada que aconteceu isso, foi aquele estrondo que bateu na porta ali na pracinha, rebentou a cidade toda. Aí eu fui lá pra casa da minha outra irmã que mora lá em cima. Eu tive que sair às pressas, minha mãe também teve que sair carregada pra casa da minha irmã, a outra irmã (SCR).

Quando chegou aqui embaixo, em Barra Longa, nós calculamos mais ou menos umas três e meia da manhã, que começou a vim aquele barulho, foi um pessoal lá na ponte do Gesteira e vieram igual doido com o celular, mostrando o barulho e que tinha caído a ponte. Ainda não tinha chegado aqui não. Daí uma meia hora, mais ou menos, começou a chegar aqui. A gente tava na pracinha e de noite dava pra ver muito pouco, que a lama é escura, né? Então, a gente começou a ouvir aquele barulhão, aquele barulhão, aquele barulhão, menina! (RBFF).

Não é que quando chegou três horas da manhã, chegou fazendo um barulhão parecendo que tava acabando com o mundo! Nossa senhora! Uma coisa assim.... Sei lá, parecendo que tava arrasando tudo. Porque a lama veio jogando, né, e ali onde ia passando, o bambuzal.... Porque ali tem muito bambuzal, tinha, né? Ainda tem ainda na beira rio (MCP).

O barulho foi infernal, loucura, vimos passar aqueles tubulão, não consigo definir ainda, não dava pra ver direito, via só a lama na praça, tudo inundado. Quando começou a clarear e aquele barulho louco, eu não sei nem te falar que barulho que era, de um avião, para barulho de mar revolto, e batendo e tudo (MAL).

Quando começou a clarear a gente via descendo assim, pé de bambu inteiro, carro rodando na praça, aqueles tubulão da Samarco, de passar mineroduto. Então, assim, foi muito cruel (MAL).

As famílias ficaram impossibilitadas de se prevenirem para o pior, devido, mais uma vez, à falta de informações. Não houve tempo para retirarem seus pertences e aqueles que acreditaram minimamente que a lama chegaria, conseguiram salvar alguns itens de suas casas.

Para alguns, a sirene foi o vizinho, foi um filho, foi um amigo, num verdadeiro boca a boca de incertezas, que talvez não existisse, se houvesse o toque de uma única sirene.

Num instante saiu da caixa, antes de sair da caixa do rio, eu falei assim: - Vamos tirar as máquinas, o tanquinho de roupa e os carros que tavam aqui embaixo, dois carros. E meu genro falou assim: – Deixa de falta de paciência, isso não vem aqui não. Eu falei assim: – Tira os carros, porque se não tirar os carros, depois não tem jeito. Aí ele foi e tirou os carros. Tá vendo o portão lá? Passou por lá. E eu deixei o portão fechado e nós fomos pra pracinha pra ver o que dava (RBFF).

O próprio sargento, recém chegado em Barra Longa, tinha três meses que ele tava morando aqui, perdeu tudo, mora lá na pracinha, o rio tava baixinho. Barragem pra gente era água, ninguém imaginava que era o barro que tava vindo não. Não tinha condições, ninguém imaginava nem um terço do que veio não. Quando chegou, não deu tempo pra nada mais (IFL).

Aí passava um e falava assim: – Ah, meus móveis tá lá, minha menina ligou pra mim tirar os móveis da loja, né? – Eu não vou tirar. E ela tá brigando comigo pra mim tirar. Eu ainda comentei... é até uma moça que tem loja ali: – Se eu se fosse você tirava, é preferível os outros rir docê tirar agora, e não perder, do quê ocê perder e chorar depois o prejuízo. Ela foi e tirou (MCP).

O descrédito no fato em si, pela ausência de informações, ocasionou perdas irrecuperáveis. Não houve perdas de vidas em Barra Longa, mas perdas de bens materiais, incluindo bordados deixados como heranças maternas, guardados como relíquias, que foram ali cobertos pela lama. “Suas vidas mudaram da água para a lama.” (Ferreira, 2018, p. 102).

O sertão vai virar mar
E o mar virando lama
Gosto amargo do Rio Doce
De Regência a Mariana
Quem olha acima, do alto, ou na TV em segundos
Às vezes vê todo mundo, mas não enxerga ninguém
E não enxerga a nobreza de quem tem pouco, mas ama
De quem defende o que ama e valoriza o que tem
(Gabriel O Pensador, 2018).

Para IFL, o valor de seus bordados fica expresso em suas palavras, quando se refere a eles com a afinidade e o apreço de um ente querido posto em risco de morte e que precisa ser socorrido.

Eu estava em casa em torno de 16 horas da tarde. Quando ela (a lama) chegou em Barra Longa, já eram mais de uma hora da madrugada. Falaram de sair, mas ninguém acreditava que ia chegar ao nível que chegou não. E na hora de sair daqui de casa, eu tava socorrendo meus bordados, minhas máquinas, tentando tirar de um lugar e passar pra outro, que não adiantou nada (IFL).

Os relatos de IFL são impressionantes, levando em consideração sua condição de saúde, pois ela sofre de Mal de Parkinson e não deu conta de sair de casa, ficando presa, ela e seu marido. Então, receberam socorro de alguns rapazes por meio de um barquinho. Ela, toda paralisada, teve que saltar da cobertura, junto com o marido, para dentro do barco para serem resgatados, o que ocasionou a ela uma lesão na perna.

Aí quando nós fomos sair da casa a lama já estava entrando na garagem, que é a parte mais baixa da casa, e nós esquecemos desse detalhe. Que eu fui pra sair, a lama já estava no meu joelho. Eu puxei meu marido e disse: volta comigo que eu não dou conta de sair, eu vou cair na lama e vou embora. Voltamos para a cobertura, todo mundo saiu e nós dois, eu e meu marido, ficamos presos na cobertura e aquele mundo de lama em volta da casa todinha (IFL).

Aí minhas amigas me ligaram e falaram assim: calma aí que o corpo de bombeiros está chegando pra te tirar. E eu pensava assim: como que o corpo de bombeiros vai nessa lama, nessa altura de lama pra me tirar. Aí três rapazinhos, que eu fiquei devendo a minha vida a eles, conseguiram um barquinho, um barquinho pequeno, e amarraram várias cordas. O pessoal segurando as cordas pra ele não tombar, e foi remando, entrou na garagem que tava aberta, nós pulamos da escada da cobertura no barquinho e saiu com a gente. Quando saímos da garagem, o corpo de bombeiros chegou e eu e ele já tinha saído. Mas foi

muita angústia, muita angústia, eu não tinha lágrimas pra chorar mais não. Foi muito triste. Mas sobrevivemos, isso que é importante (IFL).

Das nove bordadeiras entrevistadas, apenas AMP e LGR, que moram na parte alta da cidade, afirmam não terem perdido bens materiais, ou seja, foram atingidas indiretamente. Elas consideram que todos os moradores, sem exceção, foram impactados negativamente de alguma forma. De acordo com AMP, "não escapou ninguém!" Aqueles que não tiveram perdas materiais, sofreram danos psicológicos.

De acordo com Zhouri *et al.* (2016), para se ter noção de sofrimento social, é necessário sair da perspectiva médica, a partir da qual o sofrimento dos atingidos pode ser medido por laudos, exames, e diagnósticos específicos, e seguir em direção à compreensão de outros aspectos socioculturais que abarcam esse sofrimento.

Meses após a ocorrência desse desastre ambiental, prevalecem as incertezas, que marcam presença nos debates a toxicidade da lama e a contaminação do solo e das águas subterrâneas, colocando em destaque a falta de clareza sobre uma série de questões, como a contaminação de alimentos produzidos nesta região e sua possível relação com o adoecimento da população afetada.

Biazon (2018) afirma que, com o tempo, poderá haver alguma melhora, porém a destruição foi incalculável, a ponto de ser impossível o retorno ao que era antes, ou seja, por onde a lama passou, restaram as perdas, com impactos negativos diretos e indiretos nas mais variadas esferas.

Que assim, a lama não entrou na minha casa direto porque eu moro lá no alto... Ela entrou na minha casa, desde a hora que chegou aqui na rua, que só o mau cheiro deixou a gente quase tonto, foi de tontear, eu

nunca vi lama tão fedida igual essa lama que desceu nesse nosso rio aí. Aqui na rua da Casa das Artes não chegou a vim, aqui nesta rua não, mas lá debaixo chegou. Meses, meses e meses e meses e meses a gente teve que conviver com o terrível mau cheiro, depois veio a poeira, porque secou tudo, a poeira encardiu em tudo quanto é casa aqui de Barra Longa, não sobrou uma (AMP).

Eu tava lá na casa da minha mãe na roça, aí o pessoal falou: “acabou, arrasou Barra Longa”. Aí meu irmão colocou a gente no carro, a gente veio, tava tudo alagado com a lama. Não deu nem pra entrar. A gente voltou pra roça (Sítio Capela Velha). Senti um desespero danado, nossa senhora! (LGR).

Perdi tudo, Barra Longa e região toda foi atingida, porque, de uma certa forma, se você não foi atingida com o barro, sua amiga foi atingida, e você sofreu por sua amiga, entendeu? E a poeira, o barro e você ir ver sua amiga, cê passava pelo barro, tinha hora que não tinha nem condições de passar porque o barro era grande demais, foi muito complicado (IFL).

O dia “D” (rompimento da barragem) trouxe consigo desespero, desilusão, desastre, desesperança, desânimo, desolação, depressão, destruição e desconfiança, mas tudo isso poderia ter sido evitado, se houvessem e tivessem sido colocadas em prática ações de proteção ao “ambiente integral” e planos de evacuação emergencial. Se havia avisos sonoros, esses não foram acionados. A população foi avisada por meio de telefonemas, com pouca eficácia. Dos quatro números de telefones dos agentes públicos disponibilizados pela empresa Samarco, apenas dois estavam ativos, dentre eles, o de um estudante e o outro, de um ex-chefe da Defesa Civil, afastado há sete anos (Ferreira, 2018).

Diante de tantos relatos, circunstâncias, evidências e negligências ocorridas nessa tragédia

anunciada, RBFF afirma que pretende seguir bordando, enquanto for a vontade de Deus, em uma atitude de fé e esperança. “Se eu precisar algum dia, sei lá Deus é que sabe né, de parar, já não ter a visão mais pra ajudar, a gente não sabe da vida da gente! Quem sabe é Deus, mas enquanto eu tiver jeito, eu vou fazendo” (RBFF).

Quando RBFF deposita esperança em continuar bordando, se assim Deus o permitir preservando a sua visão, ela utiliza a fé como uma força semântica e simbólica. A palavra fé, esse pequeno vocábulo recheado de significados, que normalmente é utilizada nas variadas esferas da vida, desde contextos considerados banais até situações-limites, que escapam da racionalidade, nos auxilia também em momentos de reflexão, de volta a si mesmo e de desconcerto frente a um mundo dado como pronto (Contaldo, 2019, p. 116).

O lugar transcende a Natureza em sua percepção como recurso e alcança a dimensão da existência com o sagrado. O lugar espiritual é onde a terra descansa, e se o lugar é sagrado é em razão da transcendência da Natureza da percepção como recurso (Krenak, 2018, p. 2).

As bordadeiras, em diversos momentos, demonstram, através de atitudes de resiliência e do desejo de resgate de suas vidas, recorrer ao sagrado. Mediante tantas perdas e ao caos instaurado, utilizam como ferramenta de superação e esperança, o sentimento de fé, numa percepção clara de que seu “ambiente integral” e natural sofreu violações imperdoáveis com o rompimento da barragem de Fundão.

O avesso é parte essencial do bordado e parte essencial das mulheres que bordam, porque ele diz de uma subjetividade singular. O bordado se configura no trânsito das duplicidades: avesso e direito,

visível e invisível, o macro e o micro, e traz uma cartografia afetiva (Dias, 2019). Essa duplicidade e singularidade foram alteradas pela lama. Suas histórias, memórias, silêncio e sofrimentos ficam visíveis, crescem nesse avesso da vida não esperada.

De acordo com os relatos, o transbordar do rio virou a vida delas ao avesso, carregando com ele uma lama fétida e muita sujeira, mudando a cor dos tecidos, pintou de marrom alaranjado tudo o que era colorido. A arte deu lugar ao sofrimento e a dor, pois durante o rompimento da barragem, perdia-se a beleza do avesso presente em seus bordados. O bordado foi colocado à borda, mas, felizmente, sobreviveu e segura a vida. O bordado ajudou muito a gente lá. Pelo menos recuperar a autoestima, né? ... que a gente fica com ela meio baixa, porque, uai, cê fazia tudo naquela alegria, né? E, de repente, ver tudo ir... (MCP). Quando faço meu bordado e artesanato, eu esqueço esse sofrimento! Eu vou longe! (ALTV).

Não pouco comum, a marginalidade da arte de bordar traz à tona a necessidade de enxergar o outro lado do tecido, como imagem do desfilar e do fiar de um fazer poético, num olhar mais ampliado desse saber, até mesmo como fonte de resgate e superação (Padilha, 2018). A lama levou quase tudo, mas não levou esperança de dias melhores com a alegria de continuar a bordar. Traços perfeitos dão arte à vida e vida à arte, cujo resultado final é a beleza talhada em tecidos.

5. Considerações finais

Essa pesquisa permitiu trazer à luz, experiências por meio do entrelaçar de agulhas e linhas, coloridas no tecido da vida. Bordados repletos de

memórias, histórias e alegrias, que resistem às dores e aos sofrimentos causados pela tragédia em Barra Longa. O mar de lama despejado sobre a referida cidade alterou as nuances das linhas dos tecidos da vida, tingindo-as de marrom alaranjadas. A dinâmica desse contexto, revelada através dos discursos das bordadeiras, evidenciou a amplitude do problema instaurado e suas possíveis consequências e desdobramentos. Portanto, essa investigação não teve a pretensão de fechar questões, mas apenas oferecer contribuições para a compreensão dos fatos e fomentar futuros debates relacionados aos temas abordados.

Os encontros com as bordadeiras trouxeram facetas importantes e relatos surpreendentes e reveladores. O fluxo das conversas se deu obedecendo a reação e a necessidade de cada uma em revelar suas histórias e experiências, de acordo com as marcas que foram deixadas ao longo de cada trajeto individual e coletivo.

Diante de uma tragédia da natureza de Fundão, o bordado aparece como uma força de superação e manutenção da estrutura psíquica e física das bordadeiras, assim como um elemento vital para sequenciar a vida com um mínimo de prazer. Os relatos emocionados demonstram essa força do bordado como elemento transformador, que, como experiência estética, resgata memórias, fortalece o senso comunitário e cultural de uma sociedade e sobrevive há gerações.

Numa conexão com o gênero feminino, o bordado oferece uma representação de traços identitários, em que a feminilidade e a velada discriminação a essa arte, nos convida a reflexões sobre a tradição e a modernidade, uma vez que o bordado permanece, ainda, nas mãos somente das mulheres.

A mulher, idealizada pela delicadeza que apresenta na qualidade dos acabamentos do bordado, entra em conflito com a mulher que não se domestica, que busca constantemente encontrar o seu espaço na sociedade.

A trama de fios e agulhas, relaciona o ato de bordar com o tempo dedicado a esse trabalho, dando a ele significados mais profundos, enriquecidos de familiaridade, culturalidade e historicidade, num verdadeiro ciclo de crescimento coletivo. O bordado e a costura, são partes desse significado e fazem emergir memórias familiares, trazendo lembranças da infância. Avós e mães, são o elo que sequenciam esse aprendizado, que é passado para as gerações seguintes.

O bordado, colocado à borda pelo desastre de Fundão, funcionou como instrumento de luta e deu visibilidade ao caos vivenciado pelos moradores da cidade de Barra Longa. O Brasil e o mundo puderam conhecer de perto a destruição e a dor, por meio dos diversos veículos de comunicação e também por meio da proposta de Ronaldo Fraga, que, no desfile ocorrido na SPFW, mostrou a arte em forma de lama. Devolver a essas artistas bordadeiras a estima e a visibilidade foi essencial para o resgate da identidade e do sentimento de pertencimento desse grupo, que construiu sua importância ao longo de várias décadas.

As bordadeiras reconhecem as perdas sofridas durante e após o rompimento da barragem e trazem, na memória e em seus relatos, detalhes do ocorrido. Foram perdas materiais, emocionais, na saúde, na dignidade e na esperança de serem minimamente ressarcidas. Dentre essas perdas, estão as dos locais onde gostavam de bordar, que foram ocupados pelos

trabalhadores das empresas responsáveis pela destruição da cidade. Os espaços públicos, como praças e portas de casas, que antes eram utilizados por elas para encontros de linhas e agulhas e como espaços de lazer no qual vidas e histórias eram partilhadas, transformaram-se em espaço de reconstrução da cidade, com a intensa circulação de trabalhadores.

Após essa tragédia, o “ambiente integral” foi comprometido, afetando a qualidade de vida e o “bem viver”; as relações sociais deixaram de acontecer com a intensidade e qualidade de outrora. Tudo isso abalou o emocional, o psicológico e trouxe um adoecimento coletivo.

Para se reconstruir a cidade e os saberes ali existentes, importa considerar a busca da autonomia do território, com suas identidades culturais. Para compensação e reparação, devem-se considerar o lazer e o “bem viver” como uma prática integrada, capaz de construir subjetividades locais com sentido para a vida em sociedade. As tendências uniformizantes advindas do desenvolvimento proposto pelo sistema, ao qual a sociedade ainda está submetida, não são capazes de proporcionar o “bem viver” preexistente ao rompimento da barragem, na vida dessas mulheres.

Referências

- Acosta, A. *O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. São Paulo: Elefante, 2016.
- Chagas, C. R. R. P. das. O bordado no currículo como espaço-tempo/fazer educativo. In: *Anais da 29ª Reunião Nacional da ANPEd*. Caxambu, de 15 a 18 de out., 2006. Disponível em: <http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/>

[trabalho/GT23-1967--Int.pdf](#). Acesso em: 14 nov. 2019.

Biazon, T. Impactos ambientais. In: Caldas, G. (Org). *Vozes e silenciamentos em Mariana: crime ou desastre ambiental*. 2 ed. Campinas, SP: BCCL/UNICAMP, 2018. p. 158-172. Disponível em: https://www.labjor.unicamp.br/wp-content/uploads/2018/04/2a_edicao_digital_vozes_e_silenciamentos_em_Mariana_06042018_LABJOR_09-04.pdf. Acesso em: 10 jun. 2021.

Canedo, D. “Cultura é o quê?” – reflexões sobre o conceito de cultura e a atuação dos poderes públicos. In: *Anais do ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura*. Salvador-Bahia, 27 a 29 de maio 2009.

Carneiro, E. M. M. Linha do tempo: as primeiras 26 horas. In: Caldas, G. (Org). *Vozes e silenciamentos em Mariana: crime ou desastre ambiental*. 2 ed. Campinas, SP: BCCL/UNICAMP, 2018. p.158-172. Disponível em: https://www.labjor.unicamp.br/wp-content/uploads/2018/04/2a_edicao_digital_vozes_e_silenciamentos_em_Mariana_06042018_LABJOR_09-04.pdf. Acesso em: 10 jun. 2021.

Certeau, de M. *A invenção do cotidiano: morar, cozinhar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

Chagas, C. R. R. P. das. *Memórias bordadas nos cotidianos e nos currículos*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação e Humanidades, Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

Contaldo, S. M. Agostinho: a fé tem olhos próprios. *Trans/Form/Ação*, 42, 115-134, 2019. <https://doi.org/10.1590/0101-3173.2019.v42esp.07.p115>

Dias, M. de A.C. Bordado e subjetividade: o bordado como gesto cartográfico. *Palíndromo*, 11(23), 50-61, 2019. <https://doi.org/10.5965/2175234611232019050>

Ferreira, E. C. O silêncio que calou vidas. In: Caldas, G. (Org). *Vozes e silenciamentos em Mariana: crime ou desastre ambiental*. 2 ed. Campinas, SP: BCCL/UNICAMP, 2018. p.158-172. Disponível em: https://www.labjor.unicamp.br/wp-content/uploads/2018/04/2a_edicao_digital_vozes_e_silenciamentos_em_Mariana_06042018_LAB-

[JOR_09-04.pdf](#). Acesso em: 10 jun. 2021.

Fraga, R. *Ronaldo Fraga emociona com desfile sobre tragédia de Mariana*. [Entrevista concedida a] Maria Rita Alonso. *Jornal Estadão*, São Paulo, 26 de abr., 2018. Disponível em: https://www.estadao.com.br/emails/moda-e-beleza/ronaldo-fraga-emociona-com-desfile-sobre-tragedia-de-mariana/?srsltid=AfmBOooj6_oNEcDFM8rk5nO-FIWhyKb8J8PTpU3JCYyUO4k-ghkOudZ. Acesso em: 18 nov. 2020.

Freitas, C. M. de; Barcellos, C.; Heller, L.; Luz, Z. M. P. da. Desastres em barragens de mineração: lições do passado para reduzir riscos atuais e futuros. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, Brasília, 28(1), 2019. <https://doi.org/10.5123/S1679-49742019000100020>

Fundação Renova. *Projeto Empoderar exhibe o trabalho de bordadeiras e quitandeiras de Barra Longa (MG)*, 2019. Disponível em: <https://www.fundacaorenova.org/noticia/projeto-empoderar-exibe-o-trabalho-dasbordadeiras-e-quitandeiras-de-barra-longa-mg/>. Acesso em: 08 jun. 2021.

Fundação Renova. *A construção de Gesteira*, 2020. Disponível em: <https://www.fundacaorenova.org/a-construção-de-gesteira>. Acesso em: 15 nov. 2020.

Fundação Renova. *Construir novos caminhos*. 2021. Disponível em: <https://www.caminhodareparacao.org/reparacao-integrada/construir-novoscaminhos/>. Acesso em: 14 jun. 2021.

Gabriel O Pensador. *Cacimba de mágoa*, 2018. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/gabriel-pensador/cacimba-de-magoa.html>. Acesso em: 10 jun. 2021.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Barra Longa (MG) – Cidades e Estados*. 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/barra-longa.html>. Acesso em: 10 jun 2021.

-
- Krenak, A. Ecologia política. *Ethnoscientia*, 3(2), 2018. <http://dx.doi.org/10.18542/ethnoscientia.v3i2.10225>
- MAB. Movimento dos atingidos por Barragens. *Análise do MAB sobre o Crime Causado pelo Rompimento da Barragem da SAMARCO (VALE/BHP BILLITON)*. São Paulo: Secretaria Nacional, 2016. Disponível em: <https://issuu.com/mabnacional/docs/combinepdf>. Acesso em: 26 jan. 2021.
- Malta, M. Paninhos, agulhas e pespontos: a arte de bordar o esquecimento na história. In: *Anais do Simpósio nacional de história. Lugares dos historiadores velhos e novos desafios*. Florianópolis-SC, jul., 2015.
- Minayo, M. C. de S. (Org). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- Padilha, T. Recto/Verso: a invisibilidade do bordado e a poética do avesso no trabalho de Cayce Zavaglia. In: *Anais do 27º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas*. São Paulo, 24 a 28 de set., 2018. Disponível em: <https://anpap.org.br/anaais/2018/content/PDF/27encontro> SOUSA, Juliana Padilha de.pdf. Acesso em: 23 fev. 2021.
- Pinheiro, T. M. M.; Polignano, M. V.; Goulart, E. M. A., *et al.* (Orgs). *Mar de lama da Samarco na bacia do Rio Doce: em busca de respostas*. Belo Horizonte: Instituto Guaicuy; 2019. Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/livro-busca-respostas-para-o-mar-de-lama-da-samarco>. Acesso em: 23 jun 2020.
- Prefeitura Municipal de Barra Longa. *História do Município de Barra Longa*. Barra Longa, 2021. Disponível em: <https://www.barralonga.mg.gov.br/institucional/historia>. Acesso em: 23 fev. 2021.
- Sampaio, T. M. V.; Sousa, I. R. C de.; Faria, G. M. N. A. Experiência das “Oficinas”: encontros de lazer. In: Sampaio, T. M. V.; Silva, J. V. P. da. (Org). *Lazer e cidadania: horizontes de uma construção coletiva*. Brasília: Universa, p. 97-146, 2011.
- Sousa, J. P. de. *Tramas invisíveis: bordado e a memória do feminino no processo criativo*. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.
- Vale, João Henrique do. Praça interditada por barragem em Mariana será reinaugurada em Barra Longa. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 29 out. 2016. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2016/10/29/interna_gerais,819192/praca-interditada-por-lama-de-barragem-em-mariana-sera-reinaugurada-em.shtml. Acesso em: 14 jun. 2021
- Zhour, A.; Valêncio, N.; Oliveira, R.; *et al.* O desastre da Samarco e a política das afetações: classificações e ações que produzem o sofrimento social. *Ciência e Cultura*, 68(3), 36-40, 2016. <http://dx.doi.org/10.21800/2317-66602016000300012>